

Cartografia, lenguaje y representación del espacio para la enseñanza de la geografía

O anseio de mapear é um instinto humano básico e duradouro. Onde estaríamos sem mapas? A resposta é, obviamente, “perdidos”, mas os mapas fornecem respostas a muito mais perguntas do que simplesmente como ir de um lugar a outro. Desde a primeira infância, temos consciência de nós mesmos em relação ao resto do mundo físico a partir do processamento espacial de informações. Os psicólogos chamam essa atividade de “mapeamento cognitivo”, o dispositivo mental pelo qual os indivíduos adquirem, ordenam e lembram as informações sobre seu ambiente espacial, em cujo processo eles distinguem e se definem espacialmente em relação ao mundo vasto, aterrador e incognoscível que está “lá fora”. (Brotton, 2014, p. 10).¹

Desde os primórdios da civilização, as representações dos lugares eram feitas utilizando-se dos registros e mapas com símbolos pictóricos e tinham como objetivos principais demarcar caminhos e definir territórios. Os mapas revelavam os lugares representados e suas transformações a partir de pré-concepções do mundo e, em sua maioria, assimilavam a cultura de quem os produzia no centro da representação.

Compreender o território e reconhecê-lo, para quaisquer que sejam os seus usos, é um desafio, é uma forma singular de projetar o mundo. O mapa se tornaria, ao longo dos séculos, um instrumento que arquivava o conhecimento dos lugares da superfície terrestre, descrevendo as diferentes formas de acordo com a concepção dos seres humanos sobre a Terra, passando a constituir ferramenta indispensável para o exercício do ofício geográfico. Os mapas cognitivos estão cada vez presentes no cotidiano das atividades escolares em geografia, revelando como as pessoas compreendem os lugares em que vivem, suas concepções e representações.

Os mapas têm papel histórico, representam as estratégias sobre o espaço geográfico, revelam poderes e não têm neutralidade, os mapas, ainda, têm uma função importante no desenvolvimento cognitivo de habilidades e estimula os pensamentos espaciais. Ler e interpretar mapas exige realizar procedimentos mentais que exploram capacidades de localizar-se, situar-se em um lugar no mundo, reconhecer vínculos, demarcar referências territoriais; pressupõe, em outros termos, enxergar um mundo de conexões, identificar movimentos seja em apreciações dinâmicas, subsidiadas por (geo)tecnologias, seja em apreciações estáticas, por meio do relacionamento analítico de diferentes estruturas e associações espaciais. Esse é o universo infindável que os mapas fornecem ao raciocínio geográfico sobre o mundo.

Cada mapa demonstra um discurso, um sentido sobre a realidade de uma sociedade, portanto, saber como utilizar mapas significa incluir-se em uma dimensão socioespacial específica, repleta de constituições e sobreposições históricas, valores éticos, estéticos e culturais, combinados às potencialidades econômicas de um lugar e aos interesses políticos inerentes a quem produziu o mapa ou aquele que o leu. Por isso, quando pensamos a Educação Geográfica, a Cartografia Escolar e suas linguagens podem ser, respectivamente, produtos e metodologias que reafirmam a necessidade de ensinar Geografia com ênfase em sua espacialidade. Se as sociedades humanas se desenvolvem marcadas por um tempo, desenvolvem-se também marcadas por um espaço. E é a partir desse conjunto espaço-temporal que é possível ler o mundo.

¹ Brotton, J. (2014). *Uma história do mundo em doze mapas*. Rio de Janeiro: Debate.
Brotton, J. (2014). *Historia del mundo en doce mapas*. Barcelona: Debate.

Estudar Geografia implica, essencialmente, pensar *o e sobre o* espaço, entender os arranjos das paisagens, estabelecer analogias sobre a ocupação dos territórios, e desenvolver o pensamento espacial. Desses objetivos decorrem as análises sobre o papel que a didática possui no processo de aprendizagem e a relação com a Educação Geográfica por meio da linguagem cartográfica.

Neste horizonte acompanha neste número os artigos apresentados no X Colóquio de Cartografia para Crianças e escolares e o I Encontro Internacional sobre Cartografia e Pensamento Espacial no sentido de divulgar-mos o evento bem como as pesquisas realizadas entre os pesquisadores dessa temática, sejam eles:

Carla Juscélia, com o artigo *Interação entre o conhecimento específico e pedagógico na formação inicial mediada pela representação cartográfica e geográfica*, aborda a formação inicial de professores relacionando com o conhecimento cartográfico e geográfico, abordando a didática e seu papel nas práticas pedagógicas. Apresenta como tema norteador da sua pesquisa a Cidade e áreas de riscos ambiental como mediador em suas ações pedagógicas na Universidade de São João del Rey, apresenta falas dos alunos e mostra a importância de uma prática contextualizada, integrada e significativa na formação inicial de professores.

O trabalho de pesquisa *Proposta metodológica para a compreensão do lugar a partir do estudo do mapa*, realizado pelas professoras *Joseane Gomes de Araújo* (UNESP-SP) e *Ione Oliveira Jatobá Leal* (UNEB-BA) analisa a utilização de mapas municipais com professores e coordenadores de geografia a partir do estudo do lugar. A proposta das autoras foi analisar, por meio, de atividades cartográficas, a relevância de se utilizar estratégias didáticas significativas. Conceitos geográficos e cartográficos foram desenvolvidos por meio de atividades colaborativas de representação para estimular a leitura do lugar e da cidade.

Danubia Bargos e *Lindon F. Matias* em *O papel das geotecnologias no desenvolvimento do pensamento espacial* analisam o desenvolvimento do pensamento espacial por meio dos usos das geotecnologias na contemporaneidade. As concepções teóricas presentes no artigo contribuem para avançar e aprofundar temas, conceitos da geografia associando ao pensamento espacial no campo cognitivo do sujeito. A cartografia é uma linguagem da geografia importante para esse processo. Uma análise teórica que contribui para entender a cidade e o raciocínio geográfico.

Pedro dos Santos Neto e *Miriam Bueno* apresentam *Cartografia escolar e inclusiva para alunos surdos: uma proposta metodológica em movimento*, uma pesquisa para avaliar o nível de apropriação e produção de mapas com estudantes surdos, entendendo Como alunos nessa condição compreendem os mapas e ao mesmo tempo consegue entendê-los por meio das suas especificidades linguísticas. Trata-se de uma investigação envolvendo estudantes do ensino fundamental da escola pública do Mato Grosso, Cuiabá, Brasil.

A investigação sobre *Mapas Mentais e formação inicial de professores de geografia: possibilidades do raciocínio pedagógico geográfico* pelos professores *Joseane A.S. Ferreira* e *David Luiz Almeida*, desenvolvida em Cajazeiras, na Universidade Federal de Campina Grande na Paraíba, Brasil. A análise é sobre as concepções pedagógicas dos professores por meio da temática representação dos problemas urbanos na cidade de Cajazeiras. É uma investigação que relaciona conteúdo geográfico com a cartografia escolar por meio do mapa mental, temática importante na formação de professores e na cartografia escolar.

No presente número encontram-se artigos que conversam de algum jeito com os textos anunciados previamente. O artigo *A geografia na Colômbia; ausência de um currículo e de uma política educativa escolar. Proposta para uma implementação de uma estrutura curricular* escrito pelos professores *Olga Lucia Romero Castro*, *Luis Guillermo Torres Pérez* e *Mario Fernando Hurtado Beltrán* tem interesse em analisar o jeito em que, na Colômbia, a educação geográfica no marco da política educativa tem tido mudanças significativas nas últimas décadas; passou-se de uma área autônoma de ensino a uma área integrada com a história, a democracia e a constituição política sob a denominação de ciências sociais; nesta mudança deu-se à história uma condição distinta ao resto de ciências sociais escolares, evidenciando uma geografia escolar diminuída e cada vez mais difusa. Por esse motivo, é necessário indagar no papel do conhecimento geográfico no ensino das ciências sociais na Colômbia.

O desenvolvimento desigual da produção do espaço em Bogotá: uma abordagem desde a geografia radical, escrito por *Juan Camilo Álvarez*, propõe que a cidade moderna, longe de ser uma unidade estática escolar, apresenta uma forte dinâmica que fala sobre a interseção de autores, ações e materialidades que a produzem como categoria social e espaço de ocupação. Bogotá possui um certo tipo de expressões *sui generis* que vale a pena explorar no contexto das problemáticas espaciais e levando em conta a teoria do desenvolvimento desigual dos espaços.

Finalmente, *Desenhar a nação. A comissão corográfica no século XIX colombiano*, é a resenha incluída neste número; neste livro a concepção daquilo que é nacional e a construção da identidade nacional têm sido parte integral das pesquisas ao redor de uma das empresas mais importantes do século XIX na Colômbia: a Comissão Corográfica. No livro dela, *Nancy Appelbaum* assume esta tarefa dando conta da relação que existe entre os resultados da Comissão e a consolidação de um ideal de nação. A resenha feita por *Cristian Fabián López* é um convite a reconhecer na comissão o projeto de nação na Colômbia.

Esperamos que este número aporte nas reflexões de cada uma das pessoas interessadas pela geografia, pelo seu aprendizado e ensino.

Sonia Maria Vanzella Castellar y
Nubia Moreno Lache
Editoras